

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

[NdT: O pesquisador anotou “Mãe Olímpio” no final do primeiro parágrafo.]

MILTON GURAN - Então, estamos¹ no dia 15 de setembro de 1995, em Cotonu, com Claude Metonou Tossou. É o nome do pai do senhor.

CLAUDE METONOU - Sim.

MG - Com Claude Metonou, que é o filho de Alphonse Tossou Metonou e de Madame Ida, nascida Olympio. Metonou, estudante de filosofia. Bom, Claude, vou te fazer algumas perguntas genéricas para começar nossa troca de ideias. Normalmente, eu indico a saudação dos brasileiros para as pessoas mais velhas. Normalmente eles beijam a mão e eles apertam as mãos e dizem: “Binson, binson”², alguma coisa assim. E os Iorubás se agacham. Como fazem os fom?

CM - Sabe, eles se agacham também.

MG - Como os iorubá?

CM - Como os iorubá.

MG - E os Popô, as pessoas de lá, da terra do senhor?

CM - Sim, bom, como em toda parte, sempre, tem uma pequena inclinação, para mostrar respeito às pessoas mais velhas, na saudação. Então, não saudamos as pessoas sem uma pequena inclinação, isso se faz de uma maneira...

MG - Mas não se agacha?

CM - Não nos agachamos necessariamente.

MG - Não se dão beijos? Não, não, não?

CM - Também não.

MG - Mas os brasileiros eles sempre beijam a mão³, sempre.

CM - Os brasileiros que estão aqui?

¹ Aqui foi transcrito em francês “*on aura*”, “teremos”, mas parece mais correto “estamos”.

² No manuscrito a palavra é “binson”, mas não é uma palavra portuguesa ou brasileira, e a interpretação do texto indica tratar-se de “benção”.

³ Atualmente, em 2017, esse hábito não é mais comum.

MG - Sim. Eles perderam esse hábito lá, e eles saúdam as pessoas não agachando, mas diretamente como nós. Com um aperto de mão.

CM - Com um aperto de mão.

MG - E uma pequena inclinação. Então, é sempre um aperto de mão, não é como os iorubá e os fom, que não têm aperto de mão. Ele se agacham e tocam as mãos.

CM - É isso. E agora, para os brasileiros que estão aqui e que se agacham, é porque eles são dominados pela tradição fom.

MG - Sim.

CM - Mas tem alguns que continuaram ainda um pouco ligados à tradição brasileira, mas os beijos, isso não é muito frequente.

MG - E essa coisa de pedir a “binson”? Você conhece essa expressão “binson”?

CM - Não.

MG - Não, isso você não conhece. Eu percebi uma coisa aí. Eu fui a uma grande reunião entre os De Souza, em Uidá, para essa história do Chachá VIII, e tinham alguns que falavam assim: “Como passou, Dodjia”? Você compreende essa expressão?

CM - Sim, eu conheço. Eu estudei um pouco espanhol, isso me permitiu entender o que eles dizem.

MG - Mas, na sua família, você nunca escutou “como passou, Dodjia”?

CM - Não.

MG - E então, na sua casa, com sua família, a expressão de saudação é um aperto de mão e uma inclinação. Por exemplo, quando você encontra um tio, ou o seu pai, é assim que as coisas se passam?

CM - Sim, não é mais como para os iorubá ou um puro fom. Mas nós fazemos em todo caso um aperto de mão.

MG - E para os seus primos, as pessoas Metonou, do lado Metonou, não do lado Olympio, como é a saudação?

CM - Lá é sempre a inclinação para as pessoas mais velhas, saudamos fazendo um signo, em todo caso, para dizer que os respeitamos.

MG - Diga-me uma coisa, então. Eles dão sempre um aperto de mão, como vocês da família Olympio?

CM - Normalmente esperamos que a pessoa maior, a mais velha, envie a mão antes de dá-la.

MG - Diga-me uma coisa. O que eu tento compreender é se tem uma diferença na maneira das pessoas aqui de origem brasileira ou das pessoas de origem fom, iorubá. Então, eu me pergunto, será que tem uma diferença na maneira de fazer as coisas entre a família de sua mãe brasileira e a de seus primos da família Metonou?

CM - Eu entendo, tem assim mesmo uma diferença. Por exemplo, a influência da cultura brasileira sobre as crianças, que vem da mãe.

MG - Como ela se traduz, essa diferença?

CM - É no comportamento, isso roça um pouco no europeu.

MG - Você pode me dar um exemplo simples, como um exercício de reflexão. Mas alguma coisa que encontraríamos na sua casa e não na casa dos outros?

CM - Entre os outros, por exemplo, são dois pais beninenses, aí tem uma ligação aos valores africanos, tradicionais. Mas nós não dizemos não às coisas, mas as praticamos assim.

MG - Por exemplo? Você pode?

CM - Por exemplo, tem uma cerimônia, para chamar a cerimônia de Ifá, por exemplos. Os outros primos fazem, mas nós não fazemos. Isso não quer dizer que não conheçamos o valor da coisa. Mas tem certa influência vinda da cultura da mamãe que faz com que nós sejamos vistos como reticentes. Mas achamos que é algo que pode se fazer.

MG - Ah, sim, completamente. Não incomoda ninguém de perguntar ao Fá. E, por exemplo, antes de vir ao Benin, me diziam isso: entramos em uma casa brasileira e reconhecemos imediatamente que é uma casa brasileira. Não é uma casa Fon. Eu perguntei: por quê? E as pessoas não sabem me dizer. Depois que eu cheguei aqui, eu percebi que as casas brasileiras têm alguma coisa diferente. Você também acha isso?

CM - Sim, tem certa diferença, não do ponto de vista físico. Mas quando você entra na casa, tem uma acolhida, tem o modo de viver da família, as relações entre o pai e a mãe, e as crianças, é sempre um pouco diferente em relação a uma família fom ou tipicamente iorubá. Por exemplo, quando você entra em uma casa brasileira, você percebe que a relação que rege as pessoas é um pouco mais europeia, lembra o branco, tem um pouco de liberdade, um pouco de flexibilidade. Não se domina muito as crianças, mas se diz o que elas devem fazer na norma, na medida. Por outro lado, tem também a medida, mas tem um rigor, tem um certo domínio que é muito mais reparado do lado de uma família tipicamente fom ou tipicamente iorubá. O que não é o mesmo rigor de uma família tipicamente brasileira.⁴

MG - E me disseram também, eu fiz essa pergunta a vários brasileiros, me disseram que a casa brasileira funciona. E então eu perguntei, funciona como? “Ah, não, a casa, as

⁴ O parágrafo foi destacado com um traço vertical.

coisas funcionam. Ela é limpa, tem sempre isso, isso, isso”. Quer dizer, na hora de comer, vamos para a mesa. Isso se passa sempre assim de verdade?

CM - Sim, isso se passa realmente assim. Porque tem habitualmente os avós, que os netos copiaram, tanto que na casa as coisas, o que a gente fazia é não fazer outra coisa do que aquilo que o avô fazia. Tem sempre uma continuidade, você percebe? Então, se tem outras pessoas que veem de fora, elas são obrigadas a se conformar um pouco.

MG - A entrar nesse jogo.

CM - Nesse jogo.

MG - Por exemplo, em uma casa fom ou iorubá, existem pratos, refeições precisas que a família como junto ou não? Ou como são as maneiras na mesa, tem diferença?

CM - O senhor sabe, hoje em dia não pode ter uma grande diferença nesse ponto aí porque houve uma evolução, todo mundo evoluiu no plano da vida, da maneira de viver. Todo mundo pode comer à mesa, hoje. Todo mundo pode fixar uma hora para comer. Mas, somente, tem o que eu chamaria de essa maneira mesma de manipular alguma coisa. Porque se colocar na mesa, todo mundo pode fazer isso agora. Não se pode mais que é somente brasileiro. Todo mundo pode fazer isso, comer numa hora precisa. Todo mundo pode fazer isso.

MG - Os garfos.

CM - Sim, os garfos. Todo mundo pode ter garfos, então não é mais tipicamente estrangeiro. Somente, tem, na organização, talvez. Nos divertimentos, por exemplo, podemos notar, tem musicas brasileiras, e nos dias de festa, é essa música que os brasileiros fazem para se fazer diferenciar. A dança da *bourian*, por exemplo, que caracteriza a música brasileira no Benim. Bom, outras pessoas podem ousar fazer isso.

MG - Mas não é igual.

CM - Não, pois nós ouvimos fazer isso muitas vezes, podem tentar também, somente nós não fazemos isso de qualquer jeito. É quando tem uma festa que concerne a cultura brasileira que isso se faz notar. Ou então quando tem uma morte, e que os brasileiros, para lembrar, em memória da pessoas, podem fazer isso também. Mas, cada vez que você ouve isso, você sabe que não é uma cultura tipicamente beninense. Sabemos que isso é estrangeiro.

MG - Todo mundo sabe que é estrangeiro. Dizemos por exemplo, uma coisa interessante, que a mulher brasileira é boa para se casar. Você acha uma diferença entre as meninas brasileiras e não brasileiras aqui?

CM - Bom, depende daquele que fala. Toda mulher é boa para se casar.

MG - Eu concordo com você.

(Risos)

CM - Agora, a mulher que eu quero, eu posso ver sua imagem, uma brasileira. Sobre esse plano aí, eu penso que não tem particularidade. Todas as mulheres são boas para casar. Agora, se eu quero ter uma mulher verdadeiramente à brasileira, eu diria que ela é boa para casar. Se eu acho que é iorubá que é bom, eu faço isso. Não tem um escaninho particular. Somente a educação é uma educação de rigor. Uma educação que faz com que as crianças serão educadas na maneira do estrangeiro, do modo dos brancos.

MG - Porque eu perguntei também a varias pessoas, talvez nos grupos assim, as mulheres, os homens respondem também como você. Mas as mulheres, elas dizem sempre que as mulheres brasileiras são diferentes. Elas respeitam o marido. Todas as mulheres brasileiras a quem eu perguntei me deram essa resposta. Uma mulher brasileira respeita seu marido. E eu perguntei isso. A mulher fom, ela não respeita seu marido? O que tem de diferente? Será que você vê alguma coisa sobre isso?

CM - Respeito com relação à mulher, enfim, com relação ao marido, a mulher brasileira não respeita seu marido, a mulher fom não respeita, eu disse agora pouco que quando você entra em uma casa brasileira, tem uma organização que não é a nossa daqui. Da mesma forma, entre os fom e os iorubá, tem também uma organização. As mulheres respeitam os homens. As mulheres fom respeitam seus maridos, naturalmente.

MG - Eu acho, que não posso compreender que uma mulher fom não respeite seu marido.

CM - Eu diria até que a mulher se submete um pouco no meio fom e no meio iorubá. Tem o respeito absoluto lá também.

MG - Tem o respeito do lado submissão.

CM - E é isso. Agora, aqui, tem aí o respeito, mas eu diria, lado, eu diria, uma vontade, certa liberdade, de amizade.

MG - Bom, eu organizo um pouco, eu retomo. Uma história... isso causa muitas histórias, eu discuto um pouco com os brasileiros, é a ideia da escravidão. Dizem-me, por exemplo, que na escola vocês ficam atordoados. “Desde que percebem na escola que tenho um nome brasileiro, me dizem eu sou escravo”, etc. Isso é verdade?

CM - Isso é verdade.

MG - Isso aconteceu com você, por exemplo?

CM- Isso é verdade, mas não aconteceu comigo. Porque eu...

MG - Ah, sim. Você é Metonou. Sim.

CM - É a mamãe que é brasileira, eu mesmo, eu sou Metonou. Mas, eu realmente vi que isso se passa assim. Quando ouvem um nome brasileiro, a primeira ideia é verdadeiramente um escravo. É isso que dizem.

MG - Por quê?

CM - Porque na história aprendemos que são os filhos dos escravos que foram deixados aqui quando aboliram a escravidão. Agora, os filhos dos escravos tiveram filhos. E os filhos dos escravos também são escravos. É a ideia que as pessoas propagam.

MG - Está na mentalidade de todo mundo.

CM - Quase, quase.

MG - De todo mundo, primeiro ele...

CM - Mas, em realidade, em realidade, não podemos dizer que é justo. Porque, porque os escravos são eles que partiram. Aqueles que ficaram são os autóctones. E ainda, os padrões, os mestres dos escravos, alguns ficaram e fizeram filhos. E esses filhos carregam seus nomes.

MG - São mais os negreiros.

CM - E aí, não são escravos, por exemplo.

MG - É verdade.

CM - Então, desse lado aí, isso faz com que não possamos aceitar que os outros sejam também escravos. Porque é preciso buscar saber se não são seus próprios filhos que tiveram filhos, de geração em geração, até nossos dias. E muitos casos são assim.

MG - Hum, você sabe que...

CM - Quer dizer que os negreiros que voltaram tiveram filhos e os filhos fizeram filhos. Agora, porque é um nome importado as pessoas dizem geralmente “é um escravo”. Mas, de fato, não é um escravo.

MG - Outro dia eu estava entre um grupo de jovens, nós éramos, nós éramos quatro, nós éramos cinco brasileiros. Quer dizer, eu brasileiro de lá e quatro brasileiros daqui, e outro menino que era de Grande Popô. Esse menino aí, e os outros também, eram de Grande Popô. São filhos de (?)⁵ Souza. Ele viveu toda sua vida em Grande Popô, e se casou com uma mulher de lá. E então eles falavam mesmo em Popô. E aí teve uma discussão. E um brasileiro disse ao menino de Popô: “Isso é um pensamento de ‘negrão’⁶”. Você conhece essa expressão, negrão? Negrão quer dizer grande negro, em brasileiro. E isso me chocou que as pessoas utilizem essa expressão. Porque eu não sabia que essa expressão tinha nascido até agora lá⁷. E então, o outro diz, o outro responde: “É sim, eu sou um negrão, mas você é um escravo das pessoas importadas. Eu estou na minha terra, sou um beninense puro, posso ser negro, mas você é importado”. E isso aconteceu essa semana, essa discussão. Então as coisas se passam assim, de verdade.

⁵ Dúvida da transcrição.

⁶ A palavra “negrão” está em português no manuscrito.

⁷ Frase confusa, porém fiel ao que foi transcrito.

CM - Sim, de fato, as pessoas pensam que porque você tem um nome importado, você já é escravo.

MG - Sim, eu também só ouvi reações muito interessantes. Por exemplo, um senhor Paraíso que tocou: “Chamam-me de escravo, mas isso não me toca, eu reajo imediatamente. Mas, felizmente – ele disse felizmente – teve escravos como eu que vieram aqui e que construíram casa, para aprender boas maneiras na mesa, para construir o Benin, porque vocês estavam na mata, blá, blá, blá”. Então, eu te pergunto: os outros - porque eu tendo compreender -, na sociedade beninense se faz a divisão entre brasileiros e não brasileiros. Isso quer dizer que as pessoas olham os brasileiros como escravos, eles vos olham já como evoluídos.

CM - Não, não é isso. Primeiro é difícil de dividir. Não podemos dizer brasileiro à parte, não, não. Mas tu sabes, em uma sociedade, tem sempre pequenas histórias. E isso, isso faz parte das pequenas querelas que pode haver, sim. Senão, não são considerados pessoas à parte. É um conjunto. Tem que copiaram tanto, não tem mais...

MG - Diferença.

CM - Não, não tem mais tanta diferença.

MG - Sim, sim, sim, entendo.

CM - Não podemos mais dizer “tipicamente brasileiro”, não, não.

MG - Qual era... Por exemplo, quando escutamos um brasileiro, dizemos ele é um escravo, não dizemos que são pessoas evoluídas, é isso o que quero dizer. Isso, não dizemos nunca.

CM - Não dizemos. Não dizemos imediatamente que são escravos. É talvez entre os pequenos. Mas as pessoas que compreenderam, sabem que são pessoas que têm uma cultura diferente daquela.

MG - Daquela?

CM - (?)⁸. Agora, eles contam histórias. Mas não os separamos, eles vivem como a gente.

MG - Uh, uh⁹.

CM - São amigos de todos os dias. Não os repelimos [dizendo] “escravos, escravos”. Não, não, não é assim. Só nos dizemos: “são estrangeiros, não são autóctones como nós”.

MG - Vamos tomar a questão por um outro lado. Fazer um exercício de raciocínio, nós dois juntos. Se tem alguém que vem do vilarejo de Dejanmë ou de Tové, no país Fon,

⁸ Dúvida da transcrição.

⁹ No manuscrito está: “hou hou”, e optou-se por traduzir pelo som.

do lado de Abomé. Eles se encontram na rua, ele se reconhecem, eles dizem: “Ah, ah”. Eles sabem que eles vêm do mesmo vilarejo, da mesma região. Eles têm talvez parentes em comum, talvez um tio, talvez uma tia, é um primo, não sei o quê lá. E blá-blá-blá. Tem uma aproximação natural por causa dessa origem visível. E você, quando você encontra um Da Cruz, um Da Matha, você chega na faculdade, e você vê imediatamente que tem um cara ou uma menina que se chama, não digo um Olympio porque é um primo seu, mas que se chama De Souza, Paraíso, ou Gonçalves, ou Monteiro, ou alguma coisa assim. O que acontece entre vocês? Tem uma aproximação direta igual a [que teria] se você fosse do mesmo vilarejo, enfim?

CM - Sim, aí, nós queremos nos reconhecer, pela parte do nome, ou pela origem, e saber se temos algo em comum. Mas isso não se faz imediatamente, e não degenera em xenofobia. Não, não vamos...

MG - Sim, eu não disse lado positivo.

CM - Eu digo que isso não degenera em xenofobia porque se nos ligamos os dois de modo a não ver os outros, dizemos: “Está aí, são xenófobos”.

MG - Ah.

CM - Isso não se faz assim. Apenas nós colaboramos entre irmãos, mas levando em conta também a presença dos outros.

MG - Ah, então, se eu compreendo, tem um efeito de ter um nome brasileiro, isso dá uma predisposição, uma relação privilegiada com ele. Ah, não da mesma forma que se fosse uma pessoa do mesmo vilarejo.

CM - É isso.

MG - Mas tem uma reação. E pegando isso aí, podemos dizer que aqui no Benim os brasileiros, eles constituem, não obstante, um grupo social, uma espécie de comunidade. Reconhecemos uns aos outros e ficamos atentos. Bom, então eu compreendo. Mas, na sua opinião, será que entre os grupos aí que se reconhecem, reunificações no começo da vida, ou ideias que são comuns a todos os membros desses grupos.

CM - Se eles vivem da mesma forma, ou bem...

MG - Eu quero saber, por exemplo, tem pessoas do Norte do Benim. As pessoas do Norte do Benim têm uma ideologia contra as pessoas do Sul. Tem um conflito de ideologia política entre o Norte e do Sul. Bom, as pessoas de Porto Novo, eles têm, me parece, reivindicações que são diferentes daquelas das pessoas de Cotonu.

CM - Ah, sim, tu sabes, nesse plano aí, as pessoas da comunidade brasileira, conscientemente ou não, se reclamam da, da, como vou dizer? Da nobreza. São pessoas que, sem dizer, se sentem superiores, evoluídas. (?)¹⁰. Eles se consideram nobres. Sim.

MG - Bom.

CM - Eles querem, eles fazem tudo para se diferenciar de, por sua vida natural¹¹. É assim.

MG - Hum, hum.

CM - E tem até uma influência quando você tem esse nome. Isso te dá uma superioridade natural.

MG - Na sua maneira de se apresentar, tudo isso.

CM - Sim, na maneira de discutir com as pessoas, as relações interpessoais.

MG - Bom nós temos um caso no Benim. Os brasileiros estão no poder. Porque madame Soglo, ela está lá, ela tem bastante poder, e seu irmão, o general Désiré Vieyra, ele tem o poder, é ele que dá todas as ordens nesse país. Bom, não tem mais ministro brasileiro no governo. Mas, mesmo assim, tem mais ministros que são casados com mulheres brasileiras. Os brasileiros normais, na rua, será que ele vê os brasileiros que estão no poder, será que tem uma preocupação do conjunto dos brasileiros que se creem uma elite, e esse brasileiros que estão no poder...

CM - Naturalmente, sim. Tem sempre encontros. Eles se conhecem, tem sempre discussões entre eles. Eles não estão separados dos outros, tem sempre uma vida, tem sempre relação entre eles.

MG - Sim, mas você pode fazer parte de uma classe e não ser representante de sua classe, tem uma diferença.

CM - Sim, bom, aqui eu não vou dizer que aqueles que estão no poder representam os brasileiros. Não. Mas eles são beninenses como todos os outros. Eles representam toda a nação.

MG - Então, vamos pegar do outro lado. Soglo vai se apresentar nas eleições. Os brasileiros vão votar nele porque ele tem sua mulher brasileira e Désiré Vieyra. Você acha que isso vai pesar?

CM - Isso pode pesar. Mas, na realidade, não é isso que deveria pesar. Devíamos votar em toda consciência. Mas o senhor sabe, tem as afinidades, tem as intimidades que fazem com que consignas possam ser dadas. Então, as pessoas vão votar.

¹⁰ Idem.

¹¹ Frase confusa, porém fiel à transcrita.

MG - Quem dá as consignas para os brasileiros. O senhor De Souza? Ele dá as consignas?

CM - Não.

MG - Seguem o Monsenhor?

CM - O seguimos, mas as consignas vêm e não sabemos quem as dá.

MG - Euh, hein?

CM - Porque é político.

MG - Mas eu quero saber quais são os canais que dão as consignas para os brasileiros. Por exemplo, os reis do Abomé dão as consignas, E então, se passa isso, isso entra nos bairros, isso chega no mercado, e mesmo o mais humilde vendedor de Abomé conhece as consignas dos reis do Abomé, porque tem canais que chegam até lá. Entre os brasileiros, será que tem canais parecidos, é isso que eu quero saber.

CM - Sim, é claro, porque eles têm uma organização, eles têm dirigentes, talvez um rei que vai...

MG - Os brasileiros?

CM - Sim.

MG - Eles não têm um rei. Eles têm o Chachá.

CM - Mas, o que é claro, é que eles têm um dirigente entre eles, talvez um decano. Mas eu diria mais que essas pessoas são um pouco livres.

MG - Mais livres do que os outros?

CM - Eu digo que elas têm a liberdade de fazer a escolha. Se o que o governo faz corresponde à aspiração deles, eles vão escolhê-lo. Mas aí, a consigna, isso pode vir e não funcionar. Porque não vão forçar.

MG - Sim, essa é a consigna, funciona ou não.

CM - Só que isso vem e não sabemos de onde vem.

MG - Diga-me uma coisa ainda, para terminar. Tem momentos, meios ou circunstâncias onde os brasileiros se encontram, que você conheça? Por exemplo, eu sei que tem a festa de Montin e têm as festas de família. Mas, a parte disso, tem outras circunstâncias onde os brasileiros podem se encontrar mais? Tem um meio ou um maquis, um bar, ou um momento, onde os brasileiros se encontram?

CM - Não, quase sempre é em reuniões de família que eles se encontram. Não tem um lugar específico. Senão, talvez em Uidá.

MG - Sim, talvez em Uidá. Bom, e a festa de São Cosme e Damião, os gêmeos. Você já ouviu falar disso?

CM - Não, eu não conheço isso aí.

MG - Obrigado, então vamos terminar aqui.

FIM